

BOLETIM BIBLIORÁFICO
N.º 83

LER
LER
B E C P

AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS LIMA-DE-FARIA
CANTANHEDE



Ficha técnica

Título: *Ier*

Autor: Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

Seleção: Equipa BECP

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Isabel Bernardo

Ier by Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Finisterra-Cantanhede is licenced under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial SemDerivações 4.0 International Licence

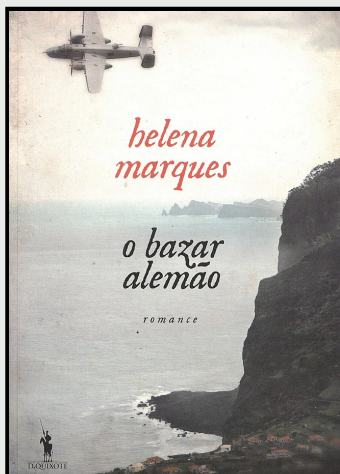
No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do cami-
nho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drumont de Andrade

O bazar alemão

Autor: Helena Marques



Fala-se de guerra em toda a parte, nas ruas, nos parques, nos *pubs*, nos restaurantes, nos transportes públicos. Fala-se da probabilidade, até mesmo da inevitabilidade de uma guerra com a Alemanha. E quer se proclame, se concorde ou se conteste, quer se esconjure ou amaldiçoe, as vozes mantêm-se comedidas, talvez um pouco tensas, um pouco ansiosas, mas sempre comedidas. Os londrinos conservam, pelo menos por enquanto, a sua proverbial discrição. (p. 43)

Cota: 821.134.3-31 MAR
N.º de registo: 13020

Marques, Helena (2010). *O bazar alemão*. Alfragide: Dom Quixote.

Contra o vento

Autor: Ángeles Caso



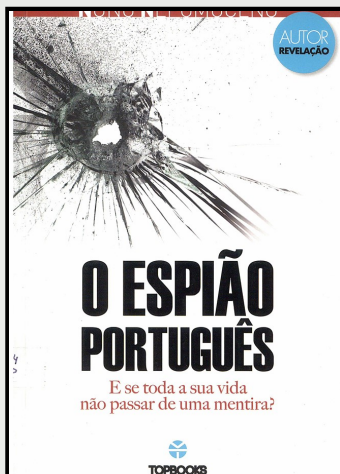
Sempre invejei todos aqueles que sentem que detêm o controlo das suas vidas. Todos aqueles que podem afirmar, cheios de satisfação, que eles mesmos foram construindo a sua existência, passo a passo colocando os acertos junto dos erros, cimentando-os muito unidos, as boas experiências ao lado das más, a felicidade acima da dor, como se erigissem uma sólida fortaleza além do alto das rochas, inexpugnável e firme. Uma existência dominada pelos próprios desígnios... (p. 11)

Cota: 821-31 CAS
N.º de registo: 13616

Caso, Ángeles (2010). *Contra o vento*. Lisboa: Planeta Manuscrito.

O espião português

Autor: Nuno Nepomuceno



Começa a pôr as ideias em ordem. A tentar retirar algum sentido da situação precária em que se encontra. Sabe que tem de continuar a resistir. Pode estar mais dorido do que nunca e não saber o que o espera, mas de uma coisa tem a certeza: enquanto continuar a lutar, não o vão matar, Se quisessem, já o teriam feito. A única coisa que querem dele é informação. E esse é o seu poder. Mas também não sabe até onde poderão ir as birras violentas de... (p. 11)

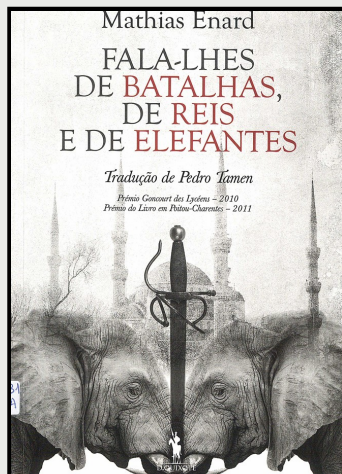
Cota: 821.134.3-312.4 NEP

N.º de registo: 13616

Nepomuceno, Nuno (2015). *O espião português*. Lisboa: TopBooks.

Fala-lhes de batalhas, de reis e de elefantes

Autor: Mathias Énard



Os dias vão passando e Miguel Ângelo começa a perguntar a si mesmo se não terá cometido um erro. Hesita em escrever uma carta a Sua Santidade. Recuperar o estado de graça e voltar para Roma. Isso nunca. Em Florença a estátua de *David* fez dele o herói da cidade. Poderia aceitar as encomendas que não deixariam de lhe fazer logo que soubessem do seu regresso, mas isso iria desencadear a fúria de Júlio, com quem está comprometido. A ideia de ter de se humilhar mais uma vez diante do... (p. 16)

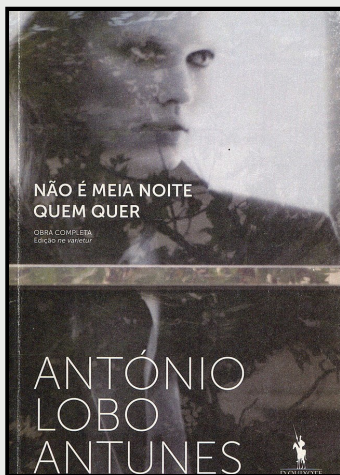
Cota: 821-31 ENA

N.º de registo: 13803

Énard, Mathias (2017). Fala-lhes de batalhas, de reis e de elefantes (5.ª ed.). Alfragide: Dom Quixote.

Não é meia noite quem quer

Autor: António Lobo Antunes



A seguir ao jantar descia à muralha para ouvir as ondas no escuro, pensava designando uma delas.

- Essa aí é a minha vida

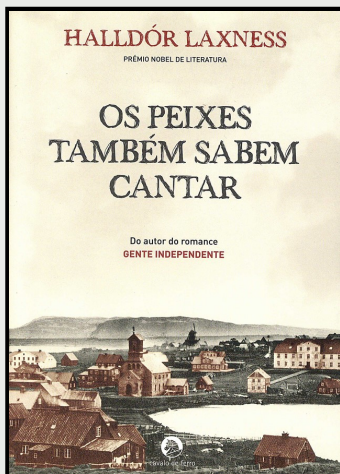
E logo outra vida a seguir, e outra, e outra, daqui a pouco ninguém se lembra de mim, a certeza de ser esquecida assustava-me porque, ao não ser, não fui nunca e, se não fui nunca, quem existiu no meu lugar, quem existe até hoje no meu lugar... (p. 209)

Cota: 821.134.3-31 ANT
N.º de registo: 12876

Antunes, António Lobo (2012). *Não é meia noite quem me dera* (2.ª ed.). Alfragide: Dom Quixote.

Os peixes também sabem cantar

Autor: Halldór Laxness



Um belo dia aconteceu estar sentada na pedra dos cavalos uma mulher envolvida num xaile negro, no lado oposta à porta da casa de Brekkukot, tentando reunir coragem para bater à nossa porta. Depois o meu avô chegou, cumprimentou a mulher e tirou o chapéu.

- O senhor deve ser com certeza Björn de Berkkukot—disse a mulher—
Que Deus lhe conceda um bom dia. (p. 16)

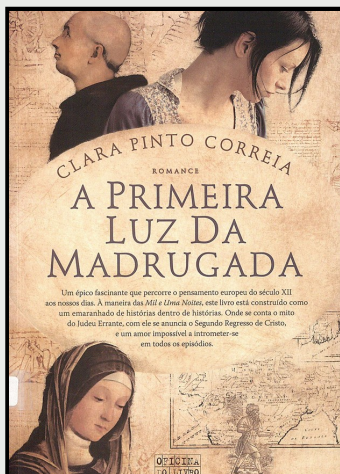
Cota: 821-31 LAX

N.º de registo: 13217

Laxness, Halldór (2010). Os peixes também sabem cantar. Lisboa: Cavalo de Ferro.

A primeira luz da madrugada

Autor: Clara Pinto Correia



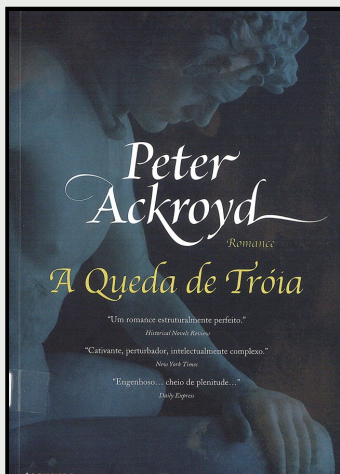
Esperem lá. Ordem na pradaria, búfalos para um lado e índios para o outro. Isto não pode ser. Eu sei que, neste preciso momento, o tempo deixou de existir e está todo aqui compactado. Mas francamente, ó Ash. A mim parece-me é que essa analogia da girafa no asfalto foi um bruto anacronismo, e assim a malta não se entende. Tu estás a falar da tua vida na Europa, na passagem da Renascença para a Revolução Científica, entre os séculos XVI e XVII. E comparas os teus sentimentos dessa altura aos da... (p. 227)

Cota: 821.134.3-31 COR
N.º de registo: 11572

Correia, Clara Pinto (2006). *A primeira luz da madrugada*. Lisboa: Oficina do Livro.

A queda de Tróia

Autor: Peter Ackroyd



Sophia deparou consigo deitada na cama do quarto do Central Hotel, em Kannakale, com a ventoinha de madeira rodando lenta e barulhentosamente acima de si. Não ponderara nada— não pensara em nada— durante a cavalgada furiosa para longe da quinta. Devia ter dormido de noite, mas não se lembrava nem um pouco de ter chegado àquele sítio.

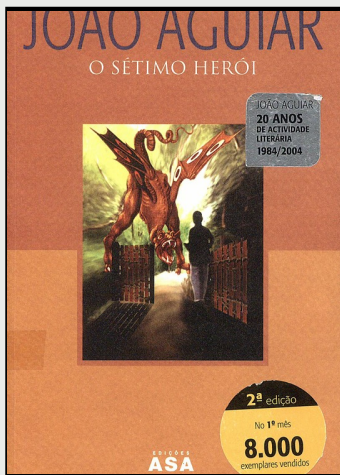
A louca era a mulher de Obermann, que ele desposara na Rússia. Quando o marido lhe confessara inadvertidamente aquele casamento...(p. 241)

Cota: 821-31 ACK
N.º de registo: 13662

Ackroyd, Peter (2009). *A queda de Tróia*. Lisboa: Teorema.

O sétimo herói

Autor: João Aguiar



Shenazimm espreguiçou-se discretamente, reabasteceu a sua chávena com chá de malva e chinfrineira e pousou em Jorge um olhar pensativo.

Tinham acabado o jantar havia pouco, remate de uma tarde durante a qual ele pudera dormir uma sesta curta demais para seu gosto—tivera de levantar-se para ir escovar Radna e dar-lhe a sua ração, pois um cavalo é muito exigente nessas matérias e gosta que seja o dono a tratar dele. (p. 125)

Cota: 821.134.3-31 AGU
N.º de registo: 12976

Aguiar, João (2004). *O sétimo herói* (2.ª ed.). Porto: Asa.

O terramoto de Lisboa e a invenção do mundo

Autor: Luís Rosa



Foi por esta altura o grande evento de desgraceira sem fim que o haveria de projectar para grandes obras de vulto invulgar em toda a Europa. Foi pelo ano de 1755, em dia de Todos-os-Santos, 1 de Novembro, que a terra tremeu e o mar submergiu a cidade em desolação e ruína.

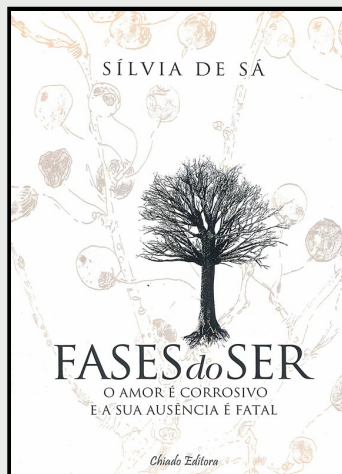
As muitas velas das igrejas deixaram de alumiar promessas e incendiaram em labaredas de abrasamento o orgulho da... (p. 13)

Cota: 821.134.3-31 ROS
N.º de registo: 11407

Rosa, Luís (2005). *O terramoto de Lisboa e a invenção do mundo*. Lisboa: Presença.

Fases do ser

Autor: Sílvia de Sá



Acordei numa manhã de um dia,
Qual não sei, não lhe perguntei,
Sei que despertei...

De uma forma que nem sabia
Ser possível neste mundo.

Tudo me falava tão alto
Que senti a vida no presente,
Senti-a no peito, no futuro,

Nas mãos, nos passos!
Sabes como é respirar
E sentir o ar correr de ti?

Enchi o peito e enfrentei o mundo,
Olhei-o de frente como nunca tinha feito
olhei-o e vi-o perfeito...

Perdi o tempo que nunca tinha
perdido

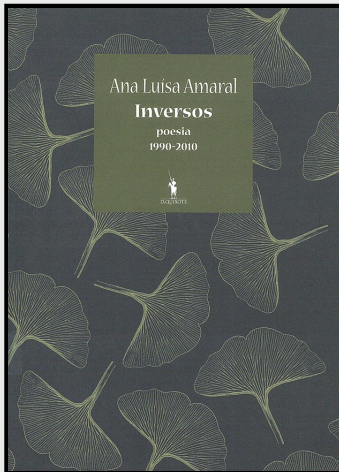
E valeu a pena... hoje não me sinto
tão pequena. (p. 71)

Cota: 821.134.3-1 SA
N.º de registo: 13292

Sá, Sílvia (2012). *Fases do ser*. Lisboa: Chiado Editora.

Inversos

Autor: Ana Luísa Amaral

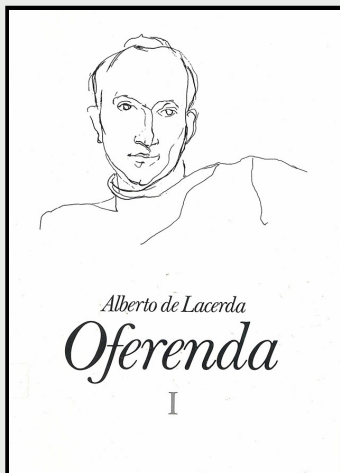


O passado é passado. Não respira, em balde
Não tem pulmão que o faça respirar De água suja e fria, sonhando-se
(ou então: os alvéolos doentes Brocado.
Murchando devagar).

Uma doença a que nos agarramos,
Não ressuscita nada. Nem ternura Quando doente é estar. E os maiores
Nem tempo açucarado. Um trapo danos: a colher do remédio
fingida de tomar... (p. 211)

Cota: 821.134.3-1 AMA
N.º de registo: 13269

Amaral, Ana Luísa (2010). *Inversos*. Alfragide: Dom Quixote.



O Monstro

Apesar da luz maravilha

Apesar da paisagem que é soberba

Apesar de Lisboa

Camoniana princesa

Apesar de ter sido português

Dom Pedro Primeiro

Que era apaixonado e justiceiro

Rei da desditosa

Pátria minha amada

O exílio é aqui

Nesta terra usurpada

Pelo Monstro

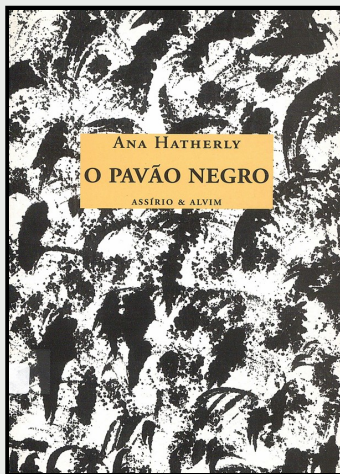
Que não morre mas mata (p. 331)

Cota: 821.134.3-1 LAC
N.º de registo: 13346

Lacerda, Alberto (1984). *Oferenda*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

O pavão negro

Autor: Ana Hatherly



O voo do pavão
Cruza o ar da página
E logo pára
Pousando na copa do sentido
O seu largo leque
Só se abre

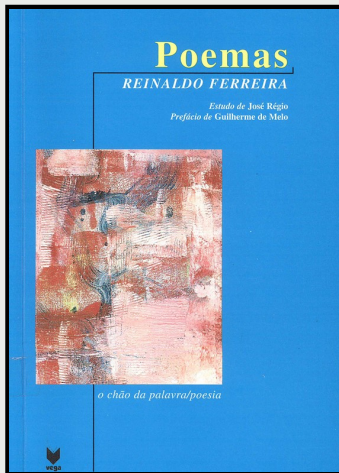
Quando alguém o vê
Quando alguém o quer
Só então desdobra
O radioso encanto
Do seu frágil mistério (p. 21)

Cota: 821.134.3-1 HAT
N.º de registo: 9959

Hatherly, Ana (2003). *O pavão Negro*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Poemas

Autor: Reinaldo Ferreira



...Eu sou um ponto nascido
De duas vidas cruzadas;
Trouxe comigo um impulso
que me deu a Natureza
Para seguir um caminho
E a trajectória marcada.
O que me espera?... Não sei.

Apenas sei que caminho,
Por um caminho de fel,
Para a certeza do Nada.
Comecei era menino,
Sou cansado caminhante,
Serei velho peregrino,
E o nada sempre distante... (p. 125)

Cota: 821.134.3-1 FER
N.º de registo: 13327

Ferreira, Reinaldo (1998). *Poemas*. Alpiarça: VEGA.



Quando for grande

Quando for grande
quero uma mão
que tenha a forma
do coração.

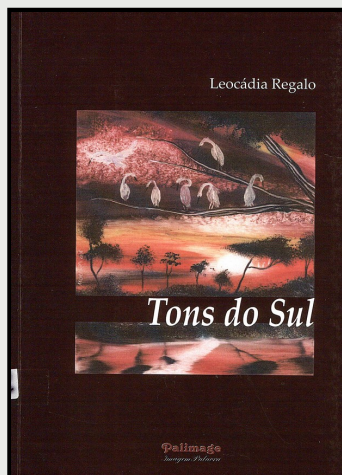
Quando for grande
quero uma ponte

que chegue
à linha
do horizonte.

Quando for grande
quero um olhar
que chegue ao fundo
de céu e mar. (p. 117)

Cota: 821.134.3-1 FAN
N.º de registo: 13303

Fanha, José (2012). *Poesia*. Coimbra: Lápis de Memória.



A árvore

Planta a árvore
E espera pelo seu crescimento.
Rega-a expectante
Cada dia procurando
O surgimento das
Folhas nos ramos pendentes
Se ela demorar a despontar

Não te apoquentes.
Observa hora a hora
A sua transformação
Até encheres o coração de verde
Que os olhos te inunda.

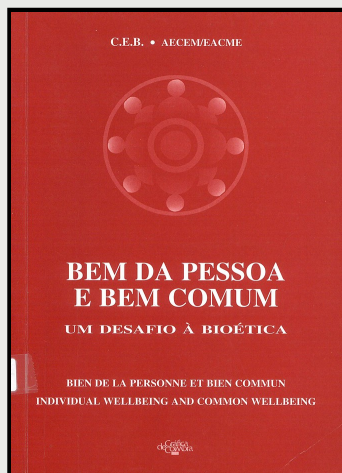
Depois imagina a frondosa copa
Que um dia te há-de oferecer
A sombra e o rumor... (p. 14)

Cota: 821.134.3-1 REG
N.º de registo: 13313

Regalo, Leocádia (2011). *Tons do sul*. Coimbra: Palimage.

Bem da pessoa e bem comum

Autor: Centro de Estudos de
Bioética



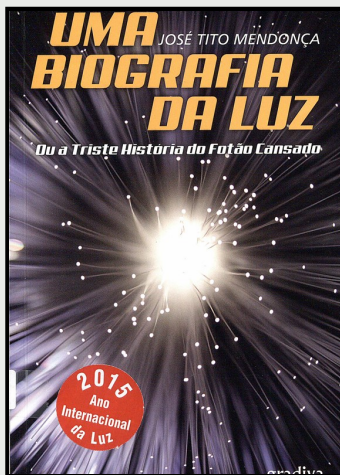
A genética é a ciência do futuro. Porque o gene é a semente do que há-de vir. Mas há genes que ficam calados durante anos e anos, e só muito depois começam a actuar e a expressar-se. Hibridando certas sondas com DNA individual é possível detectar, hoje, a presença desses genes quando ainda estão silenciosos, quando ainda faltam 30 anos ou mais anos para que se manifestem, causando por exemplo doenças. São os testes preditivos (ou, mais puristicamente, predizentes). (p. 95)

Cota: 17 CEN
N.º de registo: 13319

Centro de Estudos de Bioética (1998). Bem da pessoa e bem comum. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Uma biografia da luz

Autor: José Tito Mendonça



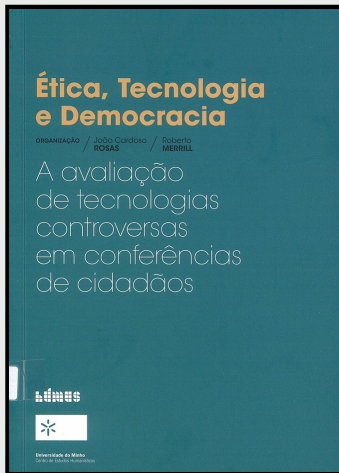
Ao contrário do que muita gente julga, e do que os próprios cientistas quase sempre fazem crer, os conceitos científicos não são muito diferentes daqueles que usamos no dia-a-dia. Resultam, muitas vezes, de extensões e refinamentos dos conceitos mais comuns. Assim, para entender a natureza da luz, os físicos têm usado os habituais conceitos de singularidade e de continuidade. A singularidade corresponde à identificação de um indivíduo, ou de um objecto. (p. 36)

Cota: 53 MEN
N.º de registo: 13523

Mendonça, José Tito (2015). *Uma biografia da luz*. Lisboa: Gradiva.

Ética, tecnologia e democracia

Autor: João Cardoso Rosas



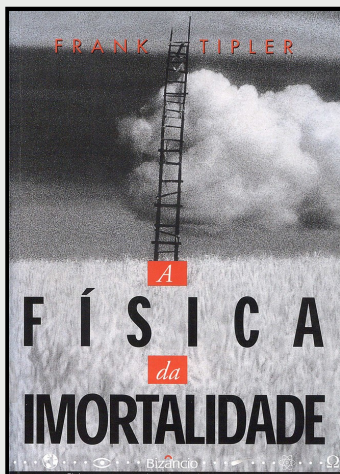
Existe já no terreno um dispositivo (...) que permite a interacção discursiva organizada entre os *experts* e a generalidade dos indivíduos numa sociedade democrática. Referimo-nos às “conferências de cidadãos” (...) à “Avaliação Tecnológica Participativa” (ATP). Esta é a designação geral para os diversos *fora* nos quais se procede a uma discussão aprofundada em torno de temas específicos. Esses temas incluem, por exemplo, a investigação em células estaminais, a procriação medicamente assistida, a medicina preditiva, a energia nuclear, as nanotecnologias, e por aí adiante. (p. 8)

Cota: 17 ROS
N.º de registo: 13742

Rosas, João Cardoso (2010). Ética, tecnologia e democracia. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

A física da imortalidade

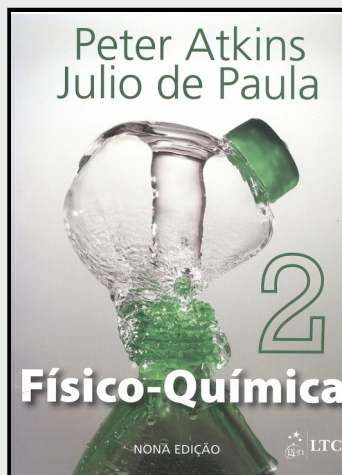
Autor: Frank J. Tipler



Há duas escolas de pensamento principais sobre o livre-arbítrio. A primeira é a dos Compatibilistas, que dizem que temos livre-arbítrio se nós próprios nos sentimos livres, ou seja, se não tivermos consciência de qualquer compulsão externa que constranja as nossas acções. A segunda é a dos Libertarianistas, que dizem que temos livre-arbítrio apenas se as nossas acções forem determinadas por nós e por nós somente, ou seja, apenas somos livres se as nossas decisões... (p. 188)

Cota: 50 TIP
N.º de registo: 10093

Tipler, Frank J. (2003). *A física da imortalidade*. Lisboa: Editorial Bizâncio.



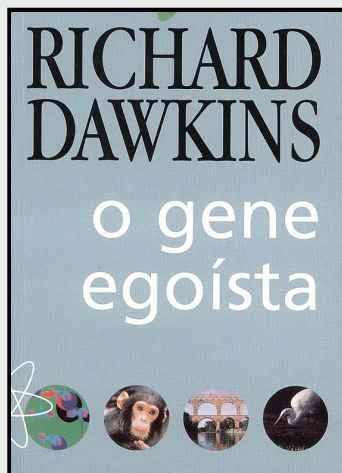
Em geral não se obtêm expressões analíticas aproximadas das funções de partição. Em alguns casos, porém, é possível encontrar expressões analíticas aproximadas das funções de partição, de grande utilidade para muitas aplicações na química. Por exemplo, a expressão da função de partição de uma partícula de massa m que pode se deslocar numa caixa unidimensional de comprimento X pode ser estimada aproveitando-se, no cálculo, a pequena separação entre os níveis de... (p. 139)

Cota: 53 ATK
N.º de registo: 13476

Atkins, Peter & Paula, Julio de(2012). *Física-Química 2 (9.ª)*. Rio de Janeiro: LTC -Livros Técnicos e Científicos.

O gene egoísta

Autor Richard Dawkins



A vida inteligente de um planeta atinge a maioria quando pela primeira vez compreende a razão da sua própria existência. Se criaturas superiores vindas do espaço algum dia visitarem a Terra, a primeira pergunta que farão, para se aperceberem do nível da nossa civilização, será: «Eles descobriram a evolução?» Os seres vivos existiram na Terra sem saber em porquê durante mais de 3 biliões de anos, antes de a verdade ocorrer finalmente a um deles. O seu nome foi Charles Darwin. (p. 125)

Cota: 57 DAW
N.º de registo: 12878

Dawkins, Richard (2010). *O gene egoísta* (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Histórias de investigações matemáticas

Autor: João Pedro da Ponte



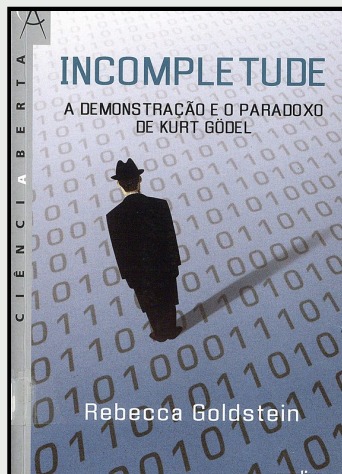
A Matemática tem sido tradicionalmente encarada como um corpo de conhecimento. Mas ela pode igualmente ser vista como uma actividade humana e isso constitui uma primeira ideia fundamental deste projecto. A Matemática permeia muitas áreas da sociedade actual de modos dificilmente imagináveis há alguns anos atrás (Hammond, 1978). À medida que ela se tem tornado uma ferramenta cada vez mais poderosa para interpretar situações e para agir nos mais diversos domínios... (p. 10)

Cota: 51 HIS
N.º de registo: 12358

Ponte, João Pedro da, & Segurado, Maria Irene (1998). *Histórias de investigações matemáticas*. Lisboa: Instituto de Inovação educacional.

Incompletude: a demonstração e o paradoxo de Kurt Gödel

Autor: Rebecca Goldstein



Gödel considera a matemática um meio de desvendar as características da realidade objectiva matemática, do mesmo modo que para Einstein a física é um meio de desenvolver aspectos da realidade física objectiva. O entendimento de Gödel daquilo que estamos a fazer quando fazemos matemática pode ser expresso em palavras que ecoam o credo de Einstein: «No limite exterior está um mundo enorme, que existe independentemente de nós, seres humanos, e que está perante... (p. 47)

Cota: 51 GOL
N.º de registo: 11892

Goldstein, Rebecca (2009). *Incompletude: a demonstração e o paradoxo de Kurt Gödel*. Lisboa: Quetzal.

Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.

